

ENTREVISTA

UM LEGADO DE DÉCADAS DE
INTERLOCUÇÃO E AMIZADE
Entrevista com
Estevão Chaves de Rezende Martins

ANA CAROLINA BARBOSA PEREIRA

Universidade Federal da Bahia

Salvador | Bahia | Brasil

ancaiana@yahoo.com.br

orcid.org/0000-0002-7874-9631

SILMÁRIA REIS DOS SANTOS

Universidade Federal de Campina Grande

Cajazeiras | Paraíba | Brasil

silreis.reis@gmail.com

orcid.org/0009-0004-9833-8081

Em 2018, por ocasião de sua pesquisa de Mestrado, Silmária Reis dos Santos, hoje Professora de Teoria da História da Universidade Federal de Campina Grande, (UFCG) entrevistou o Professor Estevão Chaves de Rezende Martins. A pesquisa de Silmária Reis aborda a recepção da obra de Jörn Rüsen no Brasil e a entrevista com Estevão Martins parte do reconhecimento do papel decisivo que o Professor exerceu nesse processo, especialmente como interlocutor de Rüsen e tradutor de sua obra para a língua portuguesa.

Assim como outras pessoas da minha geração, acompanhei o crescimento do interesse pelas ideias de Rüsen, a popularização de sua matriz disciplinar entre estudantes e pesquisadores(as) das áreas de teoria da História e História da Historiografia, o crescente interesse pela Didática da História e pelas discussões em torno aos conceitos de *consciência histórica*, *cultura histórica* e *formação histórica*. Assistimos ao surgimento e à consolidação de grupos, laboratórios e linhas de pesquisa dedicados à Didática e ao Ensino de História. E hoje somam-se gerações de pesquisadores(as) e professores(as) que se formaram sob influência da *Historik* de Jörn Rüsen.

Sem risco de exagero, para muitos de nós, no Brasil, a imagem de Jörn Rüsen é indissociável da imagem de Estevão. Inúmeras foram, por exemplo, as palestras e conferências ministradas por Rüsen com a tradução consecutiva de Estevão Martins. E todos(as) aqueles(as) que leram Rüsen em português, inevitavelmente, leram também Estevão Martins e suas “transposições semânticas”.

Jörn Rüsen e Estevão Martins mantiveram um vínculo de amizade e de interlocução por cerca de quatro décadas. E o legado dessa relação fica evidente no conjunto de nossa produção intelectual, tão sofisticada quanto diversificada em suas abordagens, aplicações, comparações, aproximações e críticas. A entrevista a seguir é testemunho dessa profícuia e longínqua história de afinidades e de intercâmbio de ideias entre ambos os historiadores, filósofos e teóricos da História.

--

Esta entrevista, realizada por e-mail no dia 25 de abril de 2018, tem como objetivo atender a uma das demandas da pesquisa *Jörn Rüsen: recepção e trajetória no campo de pesquisa brasileiro* que vem sendo desenvolvida no programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). A proposta é buscar entender quais as nossas demandas, o porquê de a teoria ser tão bem recebida e quais são as motivações e interesses que fazem com que os nossos profissionais se debrucem sobre essa área. Para mais, esta entrevista nos ajudará a pensar o processo de inserção das obras do autor nos programas editoriais do Brasil, bem como nos procedimentos de tradução desempenhadas pelos seus principais tradutores, dentre eles o professor Estevão de Rezende Martins, um dos principais divulgadores da teoria rüseniana no Brasil.

Silmária Reis

Sendo um dos principais responsáveis pela divulgação das ideias de J. Rüsen no Brasil, como se dera a interlocução direta com o professor J. Rüsen?

Esterão Martins

A interlocução direta com o prof. Rüsen começou em março de 1983, quando eu o visitei em Bochum. Nessa época eu já conhecia praticamente todos seus escritos. Nesse ano eu fiz um périplo por destacadas universidades de língua alemã, estabelecendo contatos com pesquisadores que se haviam distinguido no campo da teoria e da filosofia da História. Ajudou-me com seu conselho e com seus contatos o falecido Prof. Thomas Nipperdey, historiador de renome da Universidade de Munique (onde eu me doutorara em 1976).

De todos os contatos, o do prof. Rüsen evoluiu para um intercâmbio profissional e para uma amizade pessoal que perduram desde então. O segundo contato mais profícuo foi com o Prof. Karl Acham (Universidade de Graz, Áustria), igualmente com intercâmbio profissional e amizade pessoal.

Silmária Reis

O senhor como o principal tradutor das obras de Rüsen no Brasil poderia explanar acerca do processo de tradução e revisão de seus livros e artigos? Se houve dificuldade ou não na tradução de alguns conceitos ou outras questões que o senhor considerar relevantes.

Esterão Martins

No mister de traduzir, com frequência é necessário recorrer à transposição semântica. No conjunto, é indispensável o conhecimento profundo de ambas as línguas (a de origem e a de destino) no campo de conhecimento em que a obra de insere (está claro que o vocabulário e o estilo em um romance são diversos do teor de um livro de ciências sociais ou naturais). Em seguida, é necessário firmar o conteúdo semântico de certos conceitos (como o de carência de orientação ou o de constante antropológica, por exemplo) e os manter em todas as traduções de um mesmo autor (isso define o léxico do campo na língua portuguesa, transposto do alemão). A maior dificuldade sempre foram os neologismos (frequentes em alemão, sobretudo com base no latim). O exemplo mais trabalhoso foi o conceito de *Unwordenlichkeit* (na Teoria da História de 2013; bras. 2015), para o qual tive de inventar o termo “imprepensabilidade”. Em alemão como em português é de difícil compreensão/explicação.

Silmária Reis

Em uma pesquisa de mestrado defendida no ano 2012 por Wilian C. Cipriani Barom pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) acerca do uso do conceito de *consciência histórica* em teses e dissertações publicadas no Brasil entre os anos de 2001 e 2009, o autor percebeu que houve na prática textual de alguns desses trabalhos a utilização do conceito de *pensamento histórico* com o mesmo significado do

conceito de *consciência histórica*. Ao analisar a trilogia, Barom localiza essa mesma questão nas obras. Como é mostrado num dos trechos da dissertação abaixo:

*A trilogia de Rüsen não colabora muito com essa questão, pois, em seu interior, parece ser o conceito de pensamento histórico uma questão já resolvida, sem um momento específico para conceituação. A maneira como se refere a este conceito, chega a ser realmente capaz de gerar díbias interpretações. Num momento ele assume como uma categoria universal, um tipo ideal, como um conceito geral, “todo pensamento histórico – o que inclui a ciência da história – é uma articulação da consciência histórica” (Rüsen 2001, 56 – grifo nosso). Seria ele um produto da consciência, tomando a consciência histórica como “processos mentais genéricos e elementares de interpretação do mundo e de si mesmos” (Rüsen 2001, 55). Mobilizar-se-ia a consciência no intuito de se gerar um produto capaz de orientar a vida prática: o pensamento histórico. Contudo, na parte conclusiva da sua obra *História Viva*, por vários momentos estes dois conceitos aproximam-se como sinônimos. A mesma maneira como se referia a consciência histórica na obra *Razão histórica*, aparece agora na utilização do conceito pensamento histórico. Sobre este dois conceitos podemos apontar: “A crítica à utopia, pelo pensamento histórico [...] o pensamento histórico dirige esse superávit sob a forma de questão à memória [...] o pensamento histórico interpreta o presente à luz do passado (Rüsen 2007a, 143); “O pensamento histórico faz do presente um outro de seu passado, em cujo reflexo aparece um possível futuro” (Rüsen, 2007 a, p. 143); “a alteridade da consciência histórica é, por assim dizer, o arranque cultural que os homens precisam dar, para conseguir ir além das condições dadas de seu agir” (Rüsen, 2007a, 143); “A consciência histórica supera essas circunstâncias ao constatar que foram outras, antes de se terem tornado o que são no presente” (Rüsen 2007a, 143).*

O senhor, como tradutor da trilogia, como avalia essa “dubiedade” desses dois conceitos?

Esterão Martins

Na primeira versão da tríade conceitual (pensamento histórico, consciência histórica, cultura histórica), tal como aparecem na trilogia do final dos anos 1980, com efeito tem-se a impressão de que pensamento e consciência se confundem ou valem como equivalentes. Na teoria revisada e publicada em 2013, no meu entender, essa ‘ambiguidade’ (se é que existiu para valer) desaparece de vez. Entendo que o ‘pensamento histórico’ é a forma – digamos – dinâmica, operacional, pela qual a razão humana reflete a experiência e a historiciza no tempo. Esse pensamento, do ponto de vista lógico, ‘desemboca’ na constituição gradual (em número de ‘itens pensados’ e no ‘acumulado do pensado’) da consciência histórica como o aspecto estruturante da identidade subjetiva do indivíduo agente no tempo (por assim dizer, um elemento ‘estático’ interno). O ‘somatório’ (idealizado, por certo) dos conteúdos pensados e presentes na consciência subjetiva dos indivíduos, assim como ‘externalizados’ pelo agir no mundo concreto em que os indivíduos vivem, foram o ‘legado’ do tempo para todos e cada um, ao longo das gerações, e é então conceptualizado como ‘cultura histórica’. No processo de aprendizagem concreta de toda e qualquer pessoa, a cultura histórica é o ‘meio-ambiente’ envolvente em que o agente emerge, pensa e atua. Assim, o aprendizado do pensar historicamente, a constituição da consciência histórica e a adoção (manutenção, alteração, rejeição) da cultura histórica (ou de seus componentes) dá-se em um moto contínuo, no qual a distinção dessas noções é de cunho analítico e meramente instrumental para efeito de ‘dissecar’, ‘entender’ e ‘sistematizar’ o processo humano de refletir racionalmente a experiência vivida.

Silmária Reis

Rüsen tem uma vasta produção de livros e artigos publicados na Alemanha. No Brasil foram publicados, até então, 8 livros e alguns artigos em revistas especializadas na área de teoria e ensino. Após as traduções feitas pelo senhor da trilogia *Razão Histórica, Reconstrução do Passado e História Viva* publicados pela UnB, foram publicados mais três livros deste autor que refletem especificamente o campo da didática da história, são eles: *Jörn Rüsen e o ensino de História*, pela editora UFPR do qual o senhor foi um dos tradutores; *Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas*; e *Humanismo e Didática da História*, ambos publicados pela editora W.A Editores da qual o senhor e o professor Rüsen integram o corpo editorial. Todas essas obras, de certa forma, dialogam com a metateoria intercultural proposta por Rüsen, a partir de uma reflexão sobre o Novo Humanismo. A pergunta que gostaríamos de fazer é, sabendo que o autor mantém uma vasta rede de interlocução com intelectuais em diferentes países do globo (China, África do Sul, alguns países do Oriente Médio...), porque até então não foram traduzidos os trabalhos que dialogam com os demais autores de outros países não europeus para que possamos dimensionar a praticidade desse projeto intercultural de Rüsen? Seria isso um sintoma do desinteresse do público brasileiro pelo tema da interculturalidade?

Esterão Martins

A interculturalidade com efeito não está na agenda do interesse do campo historiográfico brasileiro. A experiência social da diversidade étnica e religiosa, os contextos sociais da Alemanha ou da África do Sul, mas também o interesse da abertura ao Extremo Oriente (China) e à complexa realidade do islamismo (relevante para países como a Alemanha) não parecem estar no radar da historiografia brasileira. Assim, o campo da educação histórica, centrado em alguns polos de excelência, como Curitiba (mas também Uberlândia e Ponta Grossa, dentre outros), interessou-se rapidamente pelos desdobramentos da *Historik* na formação e na prática dos professores de História (tema que o Rüsen trabalhou intensamente nos anos 1970 e 1980, porque a cátedra em Bochum incluía a didática da História como obrigação acadêmica). O pessoal de Curitiba tem um intercâmbio intenso com colegas de Portugal (Braga, Porto, Lisboa), algumas das quais estudaram na Inglaterra com Peter Lee, um leitor de textos do Rüsen em inglês (como o Peter Seixas, do Canadá). Como consequência do interesse acadêmico e didático pela interface teoria da História/didática da História, a recepção do Rüsen no Brasil ganhou um alcance que continua a crescer. Para “escoar” esse interesse, a W.A. Editores (como a Editora da UFPR ou a da Unijuí) começou uma série de publicações para dar sustentação ao público brasileiro e português, cuja maioria não lê alemão ou só lê inglês com dificuldade. A Professora Maria Auxiliadora Schmidt é diretamente ligada à W.A. Editores, o que abriu as portas e facilitou a fluidez das publicações.

Os temas rüsenianos da interculturalidade têm muitas publicações em inglês, pela Editora Berghan de Nova Iorque e pela Editora da Universidade Nacional de Taiwan.

Silmária Reis

Os primeiros trabalhos traduzidos do professor Jörn Rüsen no Brasil deram-se antes do século XXI. No ano de 1987 foi traduzido pelo por Augustin Wernet 10 páginas da obra *Rekonstruktion der Vergangenheit* na Revista da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica intitulado *Explicação narrativa e os problemas dos construtos teóricos de narração*; o segundo texto publicado foi o artigo *Conscientização histórica frente à pós-modernidade: a história na era da *nova intransparência* publicado no ano de 1989 pelo professor René Gertz na revista História: questões e debates; e o último artigo publicado em duas revistas *Narratividade e objetividade nas ciências históricas*, traduzido pelo senhor no ano de 1996 na revista Textos de História da UnB e *Narratividade e objetividade na ciência histórica* pelo prof. R. Gertz na revista Estudos Íberos-Americanos da PUC/RS no ano de 1998. Contudo percebe-se que seus trabalhos serão bastante utilizados a partir do século XXI. A que o senhor atribui esse crescimento da utilização da teoria rüseniana? Teria alguma relação com o campo do Ensino de História? Quais as contribuições da teoria de Rüsen para este campo?

Esterão Martins

A Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, que existiu entre 1981 e 2005 (salvo engano), de que fiz parte com o René Gertz, convidou o Rüsen para a primeira visita ao Brasil. O René e eu tínhamos contato com ele há muito tempo e eu entretinha um diálogo constante com o Rüsen (o René, menos). Algumas pequenas coisas que o René traduziu e depois publicou começaram como material de curso. Convencido de que a teoria da História do Rüsen oferecia \ (e oferece) o melhor quadro epistemológico para o entendimento e a operação da História como ciência, passei a tratar sistematicamente dele nos meus cursos (como o René fazia em Porto Alegre) e decidi traduzir a trilogia, cujo teor nada tinha de comparável em português, inglês ou francês (essa situação evolui justamente a partir dos anos 1990). O acesso aos livros, em português, incrementou o interesse pela teoria da História (um dos pontos de grande ganho foi consolidar a distinção analítica entre teoria e filosofia da História) e o conhecimento dela.

O Rüsen tornou-se referência mundial na sistematização teórica da História como ciência, para além mesmo de Koselleck, que nunca produziu um tratado.

Silmária Reis

Se até o século XIX a História exercia uma função social na vida das pessoas, com seu processo de cientificização percebeu-se que houve um afastamento do campo da Didática da História do campo da ciência da História, algo enfocado por vários autores desde G. J. Droysen. Com a volta desse debate a partir da década de 1960 na Alemanha, a Didática da História voltou a ser um campo de pesquisa inerente a ciência da História. O Brasil, devido à influência da historiografia alemã, atualmente, é um dos principais focos de pesquisa nesta área, sobretudo no que diz respeito ao campo de ensino de História. Como o sr. avalia a situação hoje no Brasil no campo da Didática da História, sobretudo nos departamentos de Educação, já que nos departamentos de História, em sua maioria, ainda não se atentaram para essa reflexão?

Esterão Martins

Com efeito, é uma lacuna muito forte. Persiste uma rivalidade (a meu ver infantil) entre departamentos de História e setores de Educação em torno da preparação dos professores para as escolas (licenciaturas). O diálogo entre a historiografia ‘profissional’ e o pessoal ‘da sala de aula’ ainda precisa caminhar muito. Na USP a Circe Bitencourt e a Katia Abud trabalharam muito nessa direção, mas estão ambas aposentadas e ainda não têm sucessores/as.

O grupo de Curitiba hoje me parece o mais forte e mais influente. Os departamentos de História ainda têm muito chão a percorrer e, no meu modesto entender, deveriam estar mais atentos à questão do ensino/aprendizagem a partir do produto historiográfico (o que tem a ver com currículos, práticas, manuais, etc.).

Esterão Chaves de Rezende Martins

Entrevista recebida em 30/04/2025 • Aceito em 07/08/2025
Revista de Teoria da História | issn 2175-5892



Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado